

Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em PE¹

Sara Sousa
CELGA

1. Introdução

Os estudos sobre a expressão de contraste em PE debruçam-se, regra geral, sobre a análise de nexos adversativos e concessivos, não dando conta de um outro tipo de construções – que designaremos de refutativo-rectificativas – cuja função, embora de natureza contrastiva, não é a de estabelecer oposições entre conteúdos proposicionais², mas sim, tal como é ilustrado nas sequências seguintes, a de permitir aos falantes “rejeitar” um determinado enunciado, “corrigindo” o que nele não é adequado:

- (1) A: A Ana tem dois filhos.
B: A Ana não tem *dois*, mas sim *três* filhos!
- (2) A: * Tu dissestes que o bolo se fazia assim.
B: Não é: tu *dissestes*. É: tu *disseste*!

Assim, partindo da análise do seu funcionamento sintáctico e semântico-pragmático, este artigo tem por objectivo central o estabelecimento, baseado em *corpora*³, de uma breve tipologia deste tipo de construções em PE.

Construções refutativo-rectificativas e negação metalinguística

Embora a expressão de valores refutativo-rectificativos não implique necessariamente a presença de um enunciado negativo (cf. 3-B'), a verdade é que este constitui um dos meios privilegiados para a realização deste tipo de actos ilocutórios:

* Agradeço à Professora Doutora Ana Cristina Macário Lopes e aos revisores anónimos os comentários feitos a este trabalho.

¹ Este artigo resume uma parte da investigação desenvolvida na minha dissertação de mestrado (Sousa, 2006).

² No entanto, como teremos oportunidade de notar, tal não significa que na base da refutação efectuada não possa estar o conteúdo proposicional do enunciado alvo de refutação.

³ Os exemplos analisados foram recolhidos do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (doravante, CRPC) e CETEMPúblico.

- (3) A: A Ana foi jantar a casa dos pais.
 B: A Ana *não* foi jantar a casa dos pais – foi jantar a casa da avó!
 B': *Estás enganado*: a Ana foi jantar a casa da avó!

Ora, tal como acontece nas intervenções de B em (3) e, anteriormente, em (1) e (2), este tipo de enunciados – e, em particular, o seu segmento refutativo – parece conter o que, na terminologia de Ducrot (1972; 1973)/Horn (1985; 1989), tem sido designado de negação metalinguística.

Tal como a própria designação indicia, e ao contrário do que acontece com a negação descritiva, este tipo de negação caracteriza-se, antes de mais, por ter no seu escopo um enunciado e não uma proposição – i.e., por não operar ao nível proposicional, mas ao nível metalinguístico –, permitindo refutá-lo com base em aspectos que podem nada ter a ver com o seu valor de verdade e que, na senda de Grice (1967, *apud* Horn, 1989: 377-379) e Dummet (1973), Horn (1989) designa de condições de “asseribilidade”.

De tais condições fazem parte não apenas o valor de verdade (cf. 3) ou a adequação das pressuposições e implicaturas, convencionais ou conversacionais (cf. 1)⁴, que esse enunciado possa ter, mas igualmente aspectos tão variados como a sua realização sintáctica, morfológica (cf. 2) ou fonética ou mesmo o estilo ou registo de língua adoptados pelo locutor.

Ora, tal como seria de esperar, esta especialização semântico-pragmática não deixa de ter reflexos a vários níveis.

De facto, e para além da entoação contrastiva que parece caracterizar os enunciados em que ocorre, este tipo de negação, por não operar ao nível proposicional, nunca surge sob a forma de uma negação morfológica.

Compare-se a aceitabilidade de (4-B) e (4-B'):

- (4) A: O João está feliz.
 B: O João *não* está feliz. O João até está bastante triste.
 B': # O João está *infeliz*. O João até está bastante triste!

Aliás, será precisamente por este motivo e, em particular, por poder ter no seu escopo aspectos que nada têm a ver com o valor de verdade do enunciado alvo de refutação, que a sua análise à luz da tipologia geralmente considerada na análise de enunciados negativos (descritivos) – negação de frase, negação de constituinte e negação morfológica – se afigura bastante problemática.

De facto, se um enunciado como *O Pedro não pagou a conta* parece, numa primeira análise, poder ser considerado como um exemplo de negação de frase, tal análise já se torna muito mais problemática se o mesmo ocorrer numa sequência como a seguinte, em que o que está em causa são aspectos fonéticos do enunciado alvo de refutação:

⁴ Sobre a relação entre negação metalinguística e implicaturas, veja-se, e.o., Levinson (2000).

- (5) A: O Luís já pag[ow] a conta.
B: O Luís não pag[ow] a conta. O Luís pag[o] a conta!

Igualmente por não operar ao nível proposicional, este tipo de negação é também compatível com termos de polaridade positiva que, por definição, são pouco aceitáveis em contextos negativos:

- (6) A: O Pedro bebeu *um pouco*.
B: O Pedro não bebeu *um pouco* – o Pedro bebeu muito!

3. Tipologia das construções refutativo-rectificativas com negação metalinguística em PE

3.1. Construções coordenadas

3.1.1. A construção *não X, mas_{SN} Y*⁵

A construção *não X, mas_{SN} Y* afigura-se, no seio das construções refutativo-rectificativas coordenadas, como uma estrutura central, não só por ser uma das mais referidas em estudos sobre este tema, mas também por ser uma das construções mais frequentes em PE.⁶

A distinção entre os usos contra-argumentativo e refutativo-rectificativo de *mas* remonta ao célebre artigo “Deux *mais* en français?” (1977), em que Anscombe & Ducrot, partindo da observação de que esta conjunção, em línguas como o espanhol ou o alemão, poderia ser traduzida por dois morfemas distintos – respectivamente, *pero* e *sino* e *aber* e *sondern* –, propõem que em francês, embora tendo apenas uma realização, a conjunção em questão deve igualmente ser analisada tendo em conta duas entidades semânticas distintas, que designam de *mais_{PA}* e *mais_{SN}*, evocando o valor, no primeiro caso, dos morfemas *pero* e *aber* e, no segundo, dos morfemas *sino* e *sondern*.

Ora, como demonstram Anscombe & Ducrot, esta diferença crucial entre o valor contra-argumentativo de *mas_{PA}* e o valor refutativo-rectificativo de *mas_{SN}* tem implicações a vários níveis.

De facto, e entre outros aspectos, uma das diferenças centrais entre as duas entidades reside no facto de *mas_{SN}*, ao contrário de *mas_{PA}*, apenas ser aceitável quando no segmento anterior há uma negação sintáctica (de valor metalinguístico):

- (7) A: O João está feliz!
B: O João *não* está feliz, *mas_{SN}* (apenas) resignado!
B': # O João está *infeliz*, *mas_{SN}* (*apenas) resignado!⁷

⁵ A designação *mas_{SN}*, que remonta a Anscombe & Ducrot (1977), é aqui utilizada para referir a conjunção *mas* no seu uso refutativo-rectificativo (cf. 3.1.1.).

⁶ Ainda que o facto de *mas* poder surgir com múltiplos valores dificulte a análise dos dados, a verdade é que no CRPC esta unidade ocorre 20864 vezes no *corpus* escrito e 843 vezes no *corpus* oral e no CETEMPúblico ocorre mais de 15000 vezes.

⁷ Embora inaceitável com *mas_{SN}*, este enunciado, num contexto não refutativo, é aceitável com *mas_{PA}*:

Para além deste aspecto, outro dos traços centrais que permite distinguir as duas entidades reside no tipo de unidades que as mesmas, enquanto conjunções, permitem conectar.

De facto, ao contrário de *mas_{PA}*, que, pelo menos num nível superficial, parece poder conectar sintagmas, frases – subordinadas ou independentes⁸ – ou unidades textuais, *mas_{SN}* nunca pode, a não ser em ocorrências marginais⁹, conectar frases independentes ou, como daí decorre, unidades textuais, permitindo conectar apenas sintagmas (cf. 8) – com excepção de sintagmas verbais – ou frases subordinadas (cf. 9):

- (8) Quanto às saídas de alguns jogadores, Donner afirmou que «essas notícias não foram feitas *por jornalistas*, mas *por pataratas*».

(CETEMPúblico, Ext. 36, des, 98a)

- (9) Escreveu uma autobiografia não *para lembrar velhos tempos*, mas *porque precisava de dinheiro*.

Ora, embora Anscombe & Ducrot atribuam estas diferenças ao facto de as sequências introduzidas por *mas_{SN}* serem tipicamente elípticas – nelas ocorrendo apenas o elemento que vem substituir aquele que é refutado no segmento anterior¹⁰, parece-nos que, entre os critérios apontados em Quirk *et al.* (1985: 883-913) para a existência ou não de uma elipse, o da necessária equivalência, em termos semânticos, entre uma oração elíptica e a estrutura que está na sua origem nos permite defender que, em construções refutativo-rectificativas do tipo *não X, mas_{SN} Y*, quando *Y* corresponde a um sintagma, não estamos perante coordenação de orações elípticas, mas sim coordenação sintagmática ou, nos termos de Matos (2003c: 899), contraste sintagmático.

De facto, há numerosos exemplos que nos permitem demonstrar que enunciados com contraste sintagmático em que ocorre *mas_{SN}* não são, de modo algum, equivalentes a enunciados que, aparentemente, poderiam ser considerados como seus equivalentes não elípticos:

- (10) a. O Pedro não comprou uma mota, *mas_{SN}* um carro.
b. O Pedro não comprou uma mota, *mas_{PA}* comprou um carro.

(i) A: O João está infeliz!

B: O João está infeliz, *mas_{PA}* resignado.

⁸ Ao longo do presente trabalho, os conceitos *frase independente* e *sintagma verbal* são utilizados no sentido que lhes é dado em Peres & Mória (1995: 375-376).

⁹ De facto, enunciados como o seguinte, cujo valor contra-argumentativo ou refutativo-rectificativo – em particular, na ausência de dados contextuais ou prosódicos – nem sempre é fácil de determinar, são extremamente raros:

(i) Il n'est pas riche, mais il l'a été. / Ele não é rico, *mas_{PA/SN}* foi rico.
(Tobler 1908 [1896]: 94, *apud* Horn, 1989: 569, n. 36)

¹⁰ Nesse sentido, aquilo que designámos de conexão de sintagmas seria, na realidade, uma conexão de orações elípticas.

De facto, como o diferente valor dos enunciados anteriores permite comprovar, (10-b) não pode, de modo algum, ser considerado o equivalente não elíptico de (10-a). Aliás, se assim fosse, ambos os enunciados do exemplo seguinte teriam de ser aceitáveis, o que não se verifica em (11-b), visto que o contraste que é expresso leva a uma leitura *SN* de *mas*, mas o facto de o segundo segmento ser constituído por um sintagma verbal conduz a uma leitura *PA* da mesma conjunção:

- (11) a. O Pedro não joga bem, *mas_(SN)* muito bem!
 b. *O Pedro não joga bem, *mas_(SN/PA)* joga muito bem!

Pelo exposto, e ainda que esta seja uma questão demasiado complexa para receber o tratamento adequado no âmbito desta exposição, parece-nos que, ao contrário do que defendem Barros (1998a; b) ou Prada (2002), se em PE não há dois morfemas *mas* distintos, há, pelo menos, uma distinção clara entre os vários usos do mesmo morfema, ou, nos termos de Anscombe & Ducrot, duas entidades que se diferenciam a vários níveis.

Feitas estas considerações, e no que toca à construção *não X, mas_{SN} Y*, é desde logo de salientar que, por se tratar de uma estrutura coordenada, não é permitida a inversão da ordem do movimento refutativo-rectificativo:

- (12) A: O João está em Aveiro.
 B: O João não está em Aveiro, mas em Coimbra.
 B': * Mas em Coimbra, o João não está em Aveiro.

Por outro lado, e no que diz respeito ao tipo de elementos que podem estar no escopo da negação, esta construção, por não permitir conectar sintagmas verbais ou frases independentes, não pode ser utilizada quando na base da refutação se encontram, por exemplo, o núcleo de um sintagma verbal (cf. 13) ou as pressuposições associadas a um determinado enunciado (cf. 14) – dado que o segmento rectificativo, neste caso, é tipicamente constituído por uma frase independente com uma função mais justificativa do que propriamente rectificativa:

- (13) A: O João fez o bolo.
 B: O João não *fez* o bolo. O João *comeu* o bolo!
 B': # O João não *fez* o bolo, mas *comeu* o bolo!¹¹
- (14) A: O casamento do Pedro foi em Lisboa.
 B: *O casamento do Pedro* não foi em Lisboa. *O Pedro nem sequer é casado!*
 B': * *O casamento do Pedro* não foi em Lisboa, mas *o Pedro nem sequer é casado!*

¹¹ Este enunciado, embora não sendo agramatical – visto que pode ter uma leitura *PA* –, é claramente inaceitável na leitura *SN*.

No que toca às formas que pode assumir, uma das mais comuns é aquela em que há uma retoma directa do enunciado que é refutado, podendo o operador de negação surgir antes do sintagma verbal (cf. 15) ou, tal como acontece tipicamente na negação de constituinte, antes do elemento alvo de refutação (cf. 16):

- (15) A: A Rita fez isso por te querer ajudar.
B: A Rita *não* fez isso *por me querer ajudar*, mas *por ser teimosa!*
- (16) Temos que defender a permanência da língua, *não com espírito imperialista ou colonizador* mas *com o espírito de quem quer manter um valor, um património comum.* (CRPC, Ref.: dn-960604-tex2tem)

Esta construção pode surgir também sob uma forma clivada (cf. Brito & Duarte, 2003: 685-694), que constitui, a par da deslocação do operador de negação, outro dos meios privilegiados de focalização do elemento alvo de refutação.¹²

- (17) A: O Pedro trabalha num restaurante.
B: Não é *num restaurante*, mas *num café*, que o Pedro trabalha!

Para além da retoma directa do enunciado que é refutado ou da sua transformação numa estrutura clivada, estas construções podem surgir ainda sob as formas *não é X, mas_{SN} Y* ou *não se diz X, mas_{SN} Y*, cuja natureza focalizadora parece ser ainda mais evidente do que a das construções clivadas, dado que, neste caso, o único elemento que é retomado é o elemento alvo de refutação:

- (18) A: * Ontem houveram vários acidentes.
B: Não é *houveram*, mas *houve!*
- (19) A: * Os cidadãos estão preocupados.
B: Não se diz os *cidadões*, mas os *cidadãos!*

Estas estruturas parecem ocorrer predominantemente em contextos em que na base da refutação se encontram aspectos como a realização fonética, morfológica ou sintáctica de um determinado enunciado, i.e., aspectos relacionados com o modo como algo é dito e não com o que é efectivamente dito ou comunicado. Neste caso, o elemento conectado por *mas_{SN}* pode ser até uma forma verbal finita, dado que a mesma, tal como acontece em (18), surge aqui apenas como uma “forma” a ser corrigida e não como núcleo de um sintagma verbal.¹³

¹² De facto, quando se apresentam sob a forma negativa – tendo, neste caso, o que Brito & Duarte (2003) designam de foco contrastivo –, estas construções têm geralmente uma leitura refutativo-rectificativa, a que não será alheio o facto de serem tipicamente acompanhadas de um segmento rectificativo. Aliás, tal como notam Gross (1977), a propósito do francês, ou Asbach-Schnitker (1978: 256, *apud* Rudolph, 1996: 142) a propósito do inglês, as construções clivadas negativas parecem ser, de facto, uma das estruturas refutativo-rectificativas prototípicas em várias línguas.

¹³ De facto, em enunciados como o seguinte, em que no escopo da negação se encontra uma parcela do conteúdo proposicional, estas estruturas parecem pouco aceitáveis:

3.1.2. As construções não X, mas sim/mas antes/e sim Y

Para além de *mas_{SN}*, há ainda outros conectores/expressões conectivas que podem ocorrer neste tipo de enunciados.

A esse grupo de conectores parecem pertencer unidades como *mas sim*, *mas antes* e *e sim*:

- (20) O fundamental da questão não se centra, pois, em quem domina hoje a sociedade, *mas sim* nos problemas que a Sopete atravessa neste momento [...]. (CETEMPúblico, Ext 1446 (soc, 92a))
- (21) A maioria não questionou a eleição de Diana Hayden *mas antes* a escolha das semi-finalistas [...]. (CETEMPúblico, Ext 6781 (soc, 97b))
- (22) [...] o seu grande inimigo não é o governo «tory», *e sim* o seu passado. (CETEMPúblico, Ext 28834 (pol, 92a))

No entanto, embora surgindo com alguma frequência no *corpus* analisado¹⁴, estas unidades não são, regra geral, referidas em estudos sobre o português.

De facto, as mesmas estão não só ausentes das chamadas gramáticas tradicionais, mas também da *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus *et al.* (2003) onde, embora surgindo nalguns dos exemplos dados por Matos nos capítulos “Estruturas de coordenação” (pp. 549-592), “Aspectos sintácticos da negação” (pp. 767-793) e “Construções elípticas” (pp. 869-913), nunca são analisadas como expressões conectivas.

Tal acontece igualmente no artigo “Sobre conexões proposicionais em português” de Peres (1997)¹⁵ ou ainda em diversos estudos sobre construções contrastivas em PE,

(i) A: O João comprou um carro.

B: # Não é *um carro*, mas *uma moto*!

No entanto, há alguns enunciados que parecem não obedecer a esta regra:

(i) A: O João tem um gato.

B: Não é *um gato*, mas *um cão*!

Contudo, em casos deste tipo não estamos perante a construção *não é X, mas_{SN} Y*, mas sim perante uma construção clivada elíptica: *Não é um gato (que o João tem), mas um cão*.

De facto, embora os dois tipos de construções possam, nalguns casos, apresentar a mesma forma, a verdade é que os mesmos se distinguem a vários níveis, de que são exemplos o tipo de elementos que neles podem ocorrer ou ainda factores como a concordância verbal, ausente das construções *não é X, mas_{SN} Y*.

¹⁴ No *corpus* do CETEMPúblico, *mas sim*, com 7414 ocorrências, apresenta-se como a unidade mais frequente, sendo seguida de *mas antes*, com 1639 ocorrências e, finalmente, de *e sim*, que, com 409 ocorrências, se afigura como a unidade menos frequente. Ora, ainda que nem todos estes exemplos possam ser considerados ocorrências das expressões conectivas em análise, é de notar que, em cada 50 exemplos analisados, 50 ocorrências de *mas sim*, 40 de *mas antes* e 41 de *e sim* surgem como exemplos do tipo de unidades que nos propomos a analisar.

¹⁵ De facto, no artigo em questão, Peres não inclui qualquer uma das três unidades em análise no quadro dos operadores de conexões interfrásicas em PE (p.784). No entanto, apresenta um exemplo em que *mas*, com um valor rectificativo, surge acompanhado de *sim*, embora este último surja entre parêntesis, denotando que a sua ocorrência é considerada como meramente opcional:

(i) Estes assuntos não se resolvem assim, *mas (sim)* com muita diplomacia. (p.786, *sublinhado nosso*)

como é o caso dos de Barros (1986), Varela (2000), ou Prada (2000; 2002), onde as mesmas, embora surgindo também nalguns exemplos, não são igualmente tratadas.

De facto, nos estudos a que tivemos acesso, apenas encontramos duas excepções:

- (i) Rudolph (1996), debruçando-se sobre a expressão de contraste em várias línguas, refere a existência, no seio dos conectores adversativos em português, das unidades *mas sim* e *mas antes* (p. 4), embora só faça uma breve análise da primeira unidade (pp. 300-301, 305);
- (ii) Tomás (2003), embora tendo por objecto de estudo outro tipo de unidades, refere igualmente a existência das expressões *mas sim* e *mas antes* no seio dos conectores contrastivos em PE (p. 50).

Ora, a ausência destas unidades na generalidade dos estudos mencionados anteriormente poderá estar relacionada com o facto de as mesmas serem passíveis de duas análises:

- (i) ou os adverbiais *sim* e *antes* são considerados como meramente opcionais relativamente a *mas* e *e*;¹⁶
- (ii) ou, pelo contrário, são considerados, a par destas unidades, como elementos constitutivos de expressões conectivas especializadas na marcação de valores refutativo-rectificativos.

De facto, em enunciados como (23-a) ou (24-a), os elementos *sim* e *antes* parecem poder ser “retirados” sem que tal implique uma inaceitabilidade ou mesmo uma alteração do valor dos mesmos, tal como (23-b) e (24-b) parecem demonstrar:

(23) a. «Nós não adquirimos uma empresa para nos livrarmos dos trabalhadores, *mas sim* para a expandir», afirmou Aad Jacobs, presidente da ING.
(CETEMPúblico, Ext 2323 (eco, 95a))

b. Nós não adquirimos uma empresa para nos livrarmos dos trabalhadores, *mas* para a expandir [...].

(24) a. [...] não é com a contratação de técnicos estrangeiros que se investe no desporto em Portugal, *mas antes* com uma forte aposta no ensino superior de Educação Física.
(CETEMPúblico, Ext 19938 (soc, 92b))

b. [...] não é com a contratação de técnicos estrangeiros que se investe no desporto em Portugal, *mas* com uma forte aposta no ensino superior de Educação Física.

¹⁶ Tal parece ser, por exemplo, a posição de Quirk *et al.* (1985), onde, ao serem analisados exemplos em que a conjunção *but* surge com um valor “repudiatório”, se afirma:

In such cases the force of *but* can be emphasized by the conjunct *rather* or *on the contrary* [...]:
(i) I'm not objecting to his morals, *but rather* to his manners. (p. 935)

No entanto, o mesmo já não acontece em enunciados em que ocorre a expressão *e sim*, que, para além de adquirirem uma interpretação radicalmente diferente na ausência do elemento *sim* (cf. 25-b), se tornam, em muitos casos, mesmo inaceitáveis (cf. 26-b):

- (25) a. [...] não foi apenas obra dele *e sim* de todos os espanhóis [...].
(CETEMPúblico, Ext 38181 (pol, 96a))
- b. [...] não foi apenas obra dele *e* de todos os espanhóis [...].
- (26) a. [...] não é ali que tem os seus maiores arsenais, *e sim* no Norte.
(CETEMPúblico, Ext 103487 (pol, 96a))
- b. * [...] não é ali que tem os seus maiores arsenais, *e* no Norte.

Todavia, não é apenas a inaceitabilidade de tal posição no que diz respeito a enunciados como os anteriores que nos leva a considerar que estas unidades são elementos constitutivos, e não opcionais, das expressões em análise:

- (i) em primeiro lugar, e embora aceitando que tal não constitui um argumento decisivo, a verdade é que o número de ocorrências destas expressões no *corpus* analisado (cf. n. 14) parece tornar mais plausível esta hipótese;
- (ii) em segundo lugar, e este será o aspecto mais decisivo, o facto de estas unidades surgirem, quase invariavelmente, como um “bloco”, não havendo qualquer constituinte ou pausa entre as mesmas, leva-nos a crer que esta será a análise mais aceitável.

De facto, e embora com os limites que uma análise meramente sincrónica impõe, parece-nos bastante provável que expressões como *mas sim*, *mas antes* e *e sim* sejam o resultado de um processo de gramaticalização que deu origem a unidades especializadas na marcação de valores refutativo-rectificativos.

Aliás, tendo em conta o valor de cada um dos elementos que as compõem, tal hipótese torna-se ainda mais plausível:

- (i) por um lado, temos a conjunção *mas*, que, no seu uso *SN*, tem um valor refutativo-rectificativo, e a conjunção *e*, que, para além de um valor aditivo/copulativo, pode implicar igualmente, dependendo dos elementos conectados, um valor contrastivo;¹⁷
- (ii) por outro lado, temos o advérbio *sim* que, pelo seu significado, acentua o contraste de polaridade entre os segmentos refutativo e rectificativo, e o advérbio *antes*, cuja ocorrência nestas construções parece decorrer do “valor preferencial” que, de acordo com Lopes & Morais (2000), esta unidade pode assumir em determinados contextos¹⁸, denotando ambos que é o segmento no qual ocorrem que deve ser retido.¹⁹

¹⁷ Cf., por exemplo, Quirk *et al.* (1985: 931), Peres (1997: 784) ou Matos (2003a: 568).

¹⁸ No artigo em questão, Lopes & Morais defendem que «o significado primitivo de ordenação temporal [de *antes*] “desliza”, em certos contextos, para um significado preferencial, onde a ordenação opera numa escala avaliativa» (p.203), tal como acontece, por exemplo, em:

(i) *Antes* quero que ele envie o texto por fax do que por correio electrónico. (p. 196)

¹⁹ No mesmo sentido aponta a descrição de *mas sim* feita por Rudolph (1996), que afirma que a ocorrência

Na verdade, pelo que decorre da descrição anterior, parece-nos que estas expressões conectivas, embora possam, regra geral, parafrasear e ser parafraseáveis por *mas_{SN}*, possuem, no entanto, um valor refutativo-rectificativo ainda mais saliente, o que, aliado ao facto de *mas* poder ter, sob a mesma forma, duas leituras possíveis – que, embora contextualmente marcadas, implicarão, porventura, um maior esforço de processamento – poderá igualmente justificar o seu aparecimento.

No que toca ao seu comportamento, estas unidades, para além de satisfazerem a generalidade dos critérios geralmente atribuídos às conjunções coordenativas (cf. síntese de Matos (2003a), partilham igualmente – e este é o aspecto central – as propriedades de *mas_{SN}* apontadas anteriormente:

- (i) são necessariamente antecedidas de um segmento refutativo contendo uma negação sintáctica;
- (ii) conectam apenas sintagmas – com excepção de sintagmas verbais – e frases subordinadas.

Assim, e tendo em conta estas características, nas construções em que ocorrem estes conectores não é possível, desde logo, que o segmento rectificativo anteceda o refutativo (cf. 27) ou que no escopo da negação estejam, por exemplo, as pressuposições associadas a um determinado enunciado (cf. 28):

- (27) A: A Ana enviou-lhe um e-mail.
 B: A Ana não lhe enviou um e-mail, mas sim um fax.
 B': * Mas sim um fax, a Ana não lhe enviou um e-mail.
- (28) A: O Rui deixou de fumar.
 B: O Rui não *deixou de fumar*. O Rui *nunca fumou*!
 B': * O Rui não *deixou de fumar*, mas sim *nunca fumou*!

No que diz respeito às formas que podem assumir, estas construções podem igualmente retomar directamente o enunciado que é refutado – com ou sem deslocação do operador de negação para junto do elemento que esteve na origem da refutação –, surgir sob uma forma clivada (cf. 29), ou assumir as formas *não é X, mas sim/mas antes/e sim Y* ou *não se diz X, mas sim/mas antes/e sim Y* (cf. 30), às quais se aplicam as restrições apontadas anteriormente:

- (29) Depois da minha vitória no Masters, não foi *a confiança* que aumentou, mas antes *o modo de reagir num campo de golfe*.
 (CETEMPúblico, Ext 36264 (des, 94a))
- (30) A: O saco já está [b]azio.
 B: Não é [b]azio, e sim [v]azio!
 B': Não se diz [b]azio, mas sim [v]azio!

desta unidade permite realçar «the correctness of the substitution» (p. 305) que tem lugar no segmento a mesma introduz.

3.2. Construções justapostas

Para além da coordenação, a justaposição parece ser outro dos processos típicos de conexão entre os segmentos refutativo e rectificativo dos enunciados que temos vindo a analisar:

- (31) [...] este não é o cerne da questão, o cerne da questão é a Bósnia.
(CETEMPúblico, Ext 147 (nd, 95b))

Por não resultarem de um processo de coordenação, estas construções apresentam uma grande mobilidade, podendo o segmento rectificativo, regra geral, anteceder o refutativo:

- (32) A: Ele tem um gato.
B: Ele não tem um gato – tem um cão!
B': Ele tem um cão – não tem um gato!

Por outro lado, permitem também a conexão de todo o tipo de unidades – incluindo sintagmas verbais e frases independentes –, o que leva a que sejam compatíveis, por exemplo, com a refutação de conteúdos pressuposicionais:

- (33) *O Rei de França não é calvo! Não há nenhum Rei de França!*

No que diz respeito à forma que podem assumir, e para além da retoma directa do enunciado alvo de refutação, estas construções surgem frequentemente sob uma forma elíptica do tipo *não X, Y*, tal como acontece em (34-B) ou ainda em (34-B'), onde há também uma inversão do movimento refutativo-rectificativo:

- (34) A: O Pedro comprou um apartamento.
B: Não *comprou* – *alugou*!
B': *Alugou* – não *comprou*!

No entanto, é de notar que neste tipo de estruturas elípticas, sempre que na base da refutação não se encontra o núcleo de um sintagma verbal, apenas as construções em que há inversão do movimento refutativo-rectificativo são aceitáveis:

- (35) A: O Pedro comprou um apartamento.
B:?? Não *um apartamento* – *uma vivenda*!
B': *Uma vivenda* – não *um apartamento*!

Igualmente em estruturas elípticas – ainda que não necessariamente – as construções em análise podem também assumir a forma *X, não – Y*, que é, aliás, uma das poucas que permite a refutação de enunciados negativos ou de enunciados que

contêm determinados quantificadores em posição pré-verbal, quando estão em causa, tal como acontece em (37) e (38), aspectos relacionados com o que é dito ou comunicado:

- (36) A: O Pedro comprou um apartamento.
B: *Comprou, não – alugou!*
- (37) A: Acho que ela *não* gosta de mim
B: *Não gosta, não – não simpatiza!*
- (38) A: *Alguém* me roubou a carteira!
B: *Alguém te roubou a carteira, não – tu é que a perdeste!*²⁰

Tal como acontece em estruturas coordenadas, as construções justapostas podem surgir ainda sob uma forma clivada:

- (39) A: A Maria precisa de estudar mais!
B: Não é *de estudar mais* que a Maria precisa – é *de se concentrar mais!*

Neste tipo de construções podem ocorrer ainda expressões especializadas na refutação de determinados aspectos, tais como o modo como algo é dito – para o qual apontam formas como *não é X, é Y* ou *não se diz X, diz-se Y*, já analisadas anteriormente – ou mesmo o que é dito ou comunicado – para o qual apontam formas como *Não é verdade (que X)*:

- (40) A: * Havia muitas pessoas na fila!
B: Não é: *havam* – é: *havia!*
- (41) A: * Ele faz tanto frio!
B: Não se diz: *ele faz* tanto frio – diz-se: *faz* tanto frio!
- (42) A: Eu contei-te tudo!
B: Isso não é verdade! Ainda estás a esconder-me algumas coisas.

Expressões como esta última são também, a par da estrutura *X, não – Y*, outro dos meios possíveis para refutar aspectos relacionados com o que é dito ou comunicado em enunciados negativos ou ainda em enunciados que, por conterem determinados quantificadores em posição pré-verbal, não são aceitáveis com uma negação realizada por meio de *não*:²¹

²⁰ De facto, tal como acontece neste enunciado, embora pareça assumir mais frequentemente uma estrutura elíptica, esta construção permite igualmente retomar o enunciado que é refutado na sua globalidade. No entanto, a aceitabilidade deste tipo de sequências parece estar fortemente dependente de factores prosódicos.

²¹ Embora este aspecto não tenha sido abordado, a negação sintáctica presente no segmento refutativo das

- (43) A: O João *não* quer ir connosco.
B: Isso não é verdade! Ainda hoje me disse que queria ir!

- (44) A: *Alguém* me roubou a carteira!
B: Isso não é verdade! Tu é que a perdeste!

4. Considerações finais

Da análise levada a cabo, parece ser possível encontrar um vasto leque de regularidades que caracterizam as construções que, em PE, permitem aos falantes “rejeitar” um determinado enunciado, “corrigindo” o que nele não é adequado.

Nos quadros que se seguem, apresentamos uma síntese de alguns dos traços mais relevantes de tais construções:

Conector	Escopo da negação (I)	Ordem do movimento refutativo-rectificativo	Formas que a construção pode assumir	Escopo da negação (II) (de acordo com as formas que a construção pode assumir)
mas mas sim mas antes e sim	no escopo da negação não podem estar sintagmas verbais ou frases independentes	refutação – rectificação	a) retoma do enunciado que é refutado b) construção clivada c) não é X, mas/mas sim/mas antes/e sim Y não se diz X, mas/mas sim/mas antes/e sim Y	a) aplicam-se as restrições gerais b) para além das restrições gerais, aplicam-se as restrições relativas às construções clivadas (cf. Brito & Duarte, 2003) c) no escopo da negação apenas estão aspectos relacionados com o modo como algo é dito e não com o que é efectivamente dito ou comunicado

Quadro 1: Construções coordenadas

construções refutativo-rectificativas – coordenadas ou justapostas – pode igualmente ser realizada por meio de outros operadores ou quantificadores negativos diferentes de *não*:

- (i) *Ninguém* pede que passem de ano as crianças, *mas sim* que se esforcem, que as ensinem. (CETEMPúblico, Ext 7017 (clt-soc, 95b))
- (ii) A: *Tudo* foi feito por mim!
B: *Nem tudo!* Aquele arranjo foi feito por mim!

Escopo da negação (I)	Ordem do movimento refutativo-rectificativo	Formas que a construção pode assumir	Escopo da negação (II) (de acordo com as formas que a construção pode assumir)
no escopo da negação podem estar todo o tipo de unidades	refutação – rectificação rectificação – refutação	a) retoma do enunciado que é refutado b) forma elíptica não X, Y c) forma elíptica X, não – Y d) construção clivada e) não é X, é Y não se dix X, diz-se Y f) não é verdade que X	a) aplicam-se as restrições gerais b) quando não há inversão da ordem do movimento refutativo-rectificativo, no escopo da negação apenas podem estar núcleos de SV c) aplicam-se as restrições gerais d) para além das restrições gerais, aplicam-se as restrições relativas às construções clivadas (cf. Brito & Duarte, 2003) e) no escopo da negação estão aspectos relacionados com o modo como algo é dito e não com o que é efectivamente dito ou comunicado f) no escopo da negação estão aspectos relacionados com o que é dito ou comunicado

Quadro 2: Construções justapostas

Como seria inevitável, sobre este tema muito ficou ainda por explorar. Não foram analisadas, por exemplo, a relação entre este tipo de estruturas e construções correlativas do tipo *não só... mas (também)*, ou ainda a relação entre negação metalinguística e negação de constituinte.

No que ao PE diz respeito, e para além de uma análise mais aprofundada das construções e conectores que foram alvo da nossa atenção, cremos ser ainda um importante filão de análise a explorar a consideração de outro tipo de expressões conectivas, como é o caso de *pelo contrário*, *ao invés*, *aliás*, *sim* ou *antes*, ou ainda de outro tipo de construções em que não ocorre qualquer negação metalinguística.

Referências

- Anscombe, Jean-Claude & Oswald Ducrot (1977) *Deux mais en français?* *Lingua*, 43, pp. 23-40.
- Barros, Clara (1986), *Construções Contrastivas em Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.
- _____(1998a) Observações sobre a adversativa *mas*. In *A Organização e o Funcionamento dos Discursos*, I. Porto: Porto Editora, pp. 11-23.

- _____ (1998b) De *magis* a *mas*: deriva semântica e pragmática. In *A Organização e o Funcionamento dos Discursos*, I. Porto: Porto Editora, pp. 25-48.
- Brito, Ana Maria & Inês Duarte (2003) Orações relativas e construções aparentadas. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 653-694.
- Ducrot, Oswald (1972) *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann.
- _____ (1973) *La preuve et le dire*. Paris: Maison Mame.
- Dummett, Michael (1973) *Frege: Philosophy of Language*, 2.ª ed. Cambridge: Harvard University Press.
- Gross, Maurice (1977) Une analyse non présuppositionnelle de l'effet contrastif. *Linguisticae Investigationes*, 1, pp. 39-62.
- Horn, Laurence R. (1985) Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity. *Language*, vol. 61 (1), pp. 121-174.
- _____ (1989), *A Natural History of Negation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Levinson, Stephen C. (2000) *Presumptive Meanings: The Theory of Generalized Conversational Implicature*. Cambridge: The MIT Press.
- Lopes, Ana Cristina Macário & Maria Felicidade Morais (2000) *Antes e depois: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXIII, pp. 183-243.
- Matos, Gabriela (2003a) Estruturas de coordenação. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 549-592.
- _____ (2003b) Aspectos sintáticos da negação. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 767-793.
- _____ (2003c) Construções elípticas. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 869-913.
- Peres, João Andrade (1997) Sobre Conexões Proposicionais em Português. In Brito *et al.* (orgs.) *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp. 775-787.
- _____ & Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa: Caminho, pp. 375-448.
- Prada, Edite (2000) *Produção de Construções Adversativas no Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Aberta.
- _____ (2002) Coordenação adversativa: regularidades e singularidades. In *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 377-385.
- Quirk, Randolph *et al.* (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- Rudolph, Elisabeth (1996) *Contrast*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Sousa, Sara (2006) *Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em PE*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.
- Tomás, Octávio (2003) *Marcadores Discursivos Contrastivos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- Varela, Lina (2000) *Para uma semântica das construções concessivas e adversativas do português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.